

A literatura gaúcha em *O tempo e o vento*

Antenor Fischer

PUCRS



A luta dos gaúchos pelo reconhecimento de sua literatura nos demais centros culturais do país foi, possivelmente, uma das que mais movimentou a crítica literária em gestação, no Rio Grande, na virada do século XIX. Um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento dessa crítica entre nós, Alcides Maya, não perdia oportunidade de atacar, de forma bastante veemente, os que se aventuravam a historiar a literatura brasileira, sem o devido reconhecimento à produção literária gaúcha.

O alvo preferido de seus ataques foi Sylvio Romero, autor da primeira e única história da literatura brasileira sistematizada do século XIX (publicada em 1888). Em *O Rio-Grande mental*,¹ por exemplo, sua indignação se volta não só contra Sylvio Romero, mas também – e principalmente – contra Valentim Magalhães:

Nas classificações literárias de poetas e escritores nacionais os rio-grandenses são excluídos por sistema ou ignorância. Quando algum aparece, tratam-no sempre com insultuosa superioridade.

Há pouco um sr. Valentim da ex-*Semana* foi a Portugal fazer propaganda, em conferências, da literatura brasileira. O Rio Grande do Sul brilhou... pela ausência.² Não é só: vindo posteriormente à nos-

¹ MAYA, Alcides. *O Rio-Grande mental*. Porto Alegre, *Através da imprensa*, p. 93-196, 1900.

² Neste ponto, aparece um asterisco, que remete à seguinte nota-de-rodapé: "Sylvio Romero, procurando corrigir as conferências do referido Valentim, cita como digna de censura, no balanço da poética nacional, entre outras, a omissão dos nomes de Achylles Porto-Alegre e Damasceno Vieira. Oh! desgraça grande! Achylles e Damasceno! O escritor das *Fontasias* e o bardo da *Musa moderna!* O vate das *Flores de gelo* e o autor do *Através do Prata!*".

sa terra, literatos de talento da nova geração e outros, enganados sem dúvida acerca do mérito de quem escreveu a “*Flor de sangue*” dedicaram-lhe belas páginas, poesias bem feitas, artigos delicados. Pois o Valentim no estudo que *O Paiz* publicou sobre as nossas coisas e os nossos homens esqueceu-se completamente da parte intelectual, falou em sangas, coxilhas e canhadas, que não viu, descobriu uma fantástica Ilha dos Melões (?), descreveu as pedras das calçadas e os engraxates da Alfândega, mas, não disse uma palavra a respeito de artes ou de letras. Os escritores que têm esboçado em quadros mais ou menos fiéis a vida mental do país parecem convencidos de que neste solo nasceram apenas Osório, Bento Gonçalves, Canabarro e Netto... (p. 93-94).

Afinal, teriam mesmo razão Alcides Maya e os demais autores gaúchos nas suas reivindicações em torno do reconhecimento, por parte dos estudiosos da literatura brasileira, do valor da produção literária sul-rio-grandense? Quais seriam as obras e os autores gaúchos, do século XIX (e mesmo das primeiras décadas do século XX), que mereceriam figurar, necessariamente, numa história da literatura brasileira (e que poderiam, portanto, ser citados num romance, se não com orgulho, pelo menos sem constrangimento)?

É essa a opinião que tentaremos extrair – de uma obra extensa, é verdade, porém isolada – daquele que é reconhecidamente o maior escritor gaúcho de todos os tempos: Erico Verissimo. Na trilogia *O tempo e o vento*, esse autor nos dá – talvez involuntária e/ou inconscientemente – uma demonstração de como é possível emitir um juízo de valor através do silêncio ou da omissão.

Sabemos que é sempre polêmico levantar questões que envolvam um autor como Erico Verissimo e uma obra como *O tempo e o vento*, pela sua magnitude e por tudo o que significam para a literatura sul-rio-grandense. Há mais de meio século vêm-se realizando fartos estudos – que em sua totalidade enaltecem e reconhecem os méritos do autor e a qualidade da obra – sobre *O Continente* (primeira parte da trilogia, que aparece em todas as pesquisas como uma das melhores obras literárias gaúchas de todos os tempos).

De modo que nosso objetivo, aqui, não é polemizar nem provocar a ira dos admiradores (entre os quais nos incluímos) da obra de Erico Verissimo. O que pretendemos, de fato, voltamos a frisar, é extrair, a partir de *O tempo e o vento*, uma opinião do autor (o qual, sabe-se, enquanto funcionário da Livraria e Editora do Globo, ja-

mais negou apoio aos autores locais), acerca da literatura gaúcha. Trataremos, como se vê, não de uma opinião explícita, mas de um ponto de vista que subjaz no texto.

Ao narrar a história de uma família (duas, na verdade: os Cambará e os Terra) e, de forma concomitante, a história do Rio Grande do Sul, Erico constrói um vasto painel da formação sócio-político-cultural do povo sul-rio-grandense. Nesse painel, a chamada literatura universal é extremamente valorizada (sendo o ponto de partida para a discussão dos mais diferentes assuntos), ao passo que a literatura gaúcha (em seus diversos gêneros), como veremos adiante, é praticamente ignorada.

As cenas de leitura ou de criação literária (não jornalísticas), em *O tempo e o vento*, remetem ou têm por objeto, em dezenas de situações, obras de autores franceses (que são os que mais aparecem), alemães, espanhóis, portugueses, ingleses, norte-americanos, russos, noruegueses, brasileiros...

Dentre os autores gaúchos, que se inserem no período de abrangência da obra em foco (temos aí pelo menos 110 anos de literatura sul-rio-grandense, já que a história de *O tempo e o vento* principia por volta de 1745 e se estende até 1945, sendo que nossa primeira obra literária impressa aparece em 1834), apenas seis mereceram referência explícita a seus nomes: Carlos von Koseritz e Lobo da Costa, em *O Continente*; Alcides Maya, em *O retrato*; Ramiro Barcellos, Mário Quintana e Simões Lopes Neto, em *O Arquipélago*.

Para uma melhor visualização, transcreveremos as passagens e circunstâncias em que esses autores são citados:

1- Carlos von Koseritz (*O Continente*, Tomo II, p. 343-4):

O Pe. Atilio Romano tinha diante de si um prato de pastéis, que ia devorando rapidamente, com tal entusiasmo que às vezes chegava a metê-los inteiros na boca. Mastigava com bravura e ao mesmo tempo não queria deixar de falar, porque o Dr. Winter, aquele ateu incorrigível, não o deixava em paz. Agora estava a repetir-lhe de cor trechos dum livro de seu amigo Carlos von Koseritz, outro herege de má morte. Com o busto inclinado sobre a mesa, o garfo em riste, o médico olhava fixamente para o padre enquanto falava:

– “O mais crente dentre vós acreditará que a Terra seja centro do Universo e que o Sol, a Lua e todos os astros só foram criados para fazerem o serviço de lâmpioes?”.

– E por que não? – exclamou, interrompendo o outro. – Por que não, se Deus assim o quis? – Recostou-se na cadeira e gritou para uma negra que passava: – Me traga mais pastéis, bela! – E com os lábios reluzentes de banha, a face corada, o olho alegre, tornou a voltar a atenção para o médico: – E por que não? Winter brandia ainda o garfo.

– “A Bíblia é obra de homens ignorantes; a história da criação é um mito, e Laplace tinha razão quando Napoleão I lhe perguntou por que não falara em Deus ao expor o seu sistema de mecânica celeste: ‘Sire, je n’avais pas besoin de cette hypothèse!’”

– “Quos Deus vult perdere, prius dementat” – citou o padre, soltando um arrote feliz.

– “O estado das camadas terrestres demonstra à evidência que o homem é simplesmente fruto da evolução da matéria como a própria Terra, como são os mundos todos que povoam o espaço do Universo.”

Atílio Romano bebericava seu vinho, fazendo-o demorar sobre a língua e depois engolindo-o com um vagar sensual. Tornou a encher o cálice.

2- Lobo da Costa (*O Continente*, Tomo II, p. 367-8):

Em festas familiares, nunca se faz rogar [o autor fala de Maneco Lírio]: basta que peçam uma vez:

Recite um verso, major

(principalmente quando quem pede é uma dama)

dá dois passos à frente, limpa o peito e solta a voz de cascalho

Aquele “Ranchinho”, da lavra de Lobo da Costa.

Tu me perguntas a história
daquele triste ranchinho,
que abandonado encontramos,
coberto por negros ramos
de pessegueiro maninho,
aquele rancho de palha,
aquele triste ranchinho?

É num tom cavo e macabro que diz o último verso:

No outro dia os destroços
de um rancho viam-se então;
o incêndio levará tudo
e fora cúmplice mudo,
fora cúmplice o trovão!
– aí tens a história que pedes
do ranchinho do sertão.

3- Alcides Maya (*O Retrato*, Tomo I, p. 158):

– A propósito, qual é o filósofo de sua predileção? [quem pergunta é o Cel. Jairo Bittencourt]

– Spencer – mentiu Rodrigo com tão grande convicção, que por um momento ele próprio chegou a acreditar no que dizia. Havia lido por alto os “Primeiros Princípios”, achando a obra insuportavelmente indigesta. Alcides Maya, que pontificava no mundo das letras de Porto Alegre, lançara entre seus discípulos e admiradores o nome de Spencer, que era agora o “filósofo da moda”, lido, comentado e discutido nos jornais e nas tertúlias literárias.

4- Ramiro Barcellos (*O Arquipélago*, Tomo I, p. 141):

Fosse como fosse, já agora se podia ler e comentar em voz alta no Sobrado o *Antônio Chimango*, o poema campestre com que, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, Ramiro Barcellos satirizara Borges de Medeiros.

Um dia, após o almoço, olhando para o retrato do Presidente do Estado que *A Federação* estampara em sua primeira página, Rodrigo recitou:

Veio ao mundo tão flaquito,
Tão esmirrado e choquinho,
Que ao finado seu padrinho
Disse, espantada, a comadre:
“Virgem do céu! Santo Padre!
Isto é gente ou passarinho?”

– Acho que é passarinho! – disse Toribio, soltando uma risada. Flora olhou apreensiva para o sogro e ficou surpreendida por vê-lo sorrir.

5- Mário Quintana (*O Arquipélago*, Tomo I, p. 198):

Pouco depois das cinco, Sílvia, recém-saída do banho, senta-se junto da cama para ler-lhe uns versos.

– Não entendo esses teus poetas modernos – diz Rodrigo

– Tenha paciência, padrinho. Ouça este. É de Mário Quintana, cria do Alegrete.

Começa a leitura. A atenção de Rodrigo, porém, não está nas coisas que a nora lê. Está nela. Ele a examina intensamente, um pouco perplexo, como se pela primeira vez estivesse descobrindo os predicados femininos da afilhada. Fica surpreendido e perturbado por notar que ela se parece um pouco com Sônia. Claro, a outra é mais alta, tem mais busto, as formas mais arredondadas, o corpo

mais... mais armado. Mas a parecença existe... Talvez seja o tom da pele, a voz...

– Escute este. É do Drummond de Andrade. Chama-se *Tristeza no céu*.

No céu também há uma hora melancólica
Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas.
Por que fiz o mundo? Deus se pergunta
e se responde: Não sei.

Na seqüência, Sílvia lê o resto do poema de Drummond, que é transcrito pelo autor de forma intercalada. Mário Quintana volta a ser citado em *O Arquipélago* (Tomo III, p. 842):

Florianos põe-se a folhear, distraído a antologia poética que apanha de cima da cômoda. Rodrigo põe o espelho sobre o mármore da mesinha-de-cabeceira.

– A Sílvia hoje de tarde esteve me lendo poemas desse livro. Diz que vai me ensinar a gostar do Drummond, do Vinícius, do Bandeira, do Quintana... Podes me chamar de conservador, de antiquado, do que quiseres... Mas continuo sendo fiel ao Bilac, ao Raimundo Corrêa e ao Vicente de Carvalho. Estou velho demais para mudar. Mas... a minha filha não me quer bem... – acrescentou num tom de queixa.

Uma terceira referência ao nome de Mário Quintana ocorre no *Diário de Sílvia* (*O Arquipélago*, Tomo III, p. 911):

Terminei de ler *O Beijo no Espelho*. (...) Parece querer provar que todo o amor é basicamente narcisista. O homem está sempre em frente do espelho. E quando beija a sua amada é a si mesmo que ele beija. A história foi inspirada por um poema de Mário Quintana que lhe serve de epígrafe.

6- Simões Lopes Neto (*O Arquipélago*, Tomo II, p. 604):

Sônia me pareceu um misto de ave pernalonga e felino. Agora, revendo-a com a memória, sinto nela algo de reptil. É a teiniaguá da lenda da Salamanca do Jarau. A lagartixa encantada que desgraçou o sacristão. Uma teiniaguá que não carrega seu carbúnculo ardente na cabeça, mas noutro lugar.

Há poucos dias reli essa lenda na versão de Simões Lopes Neto. Estou pensando agora que minha iniciação sexual aos quinze anos tem uma certa analogia com a aventura do gaúcho Blau Nunes. Alma forte e coração sereno! A furna escura está lá: entra! entra! – disse o fantasma do sacristão. – E se entrares assim, se te portares lá dentro assim, podes então querer e serás ouvido.

Nessa cena, aparece, pela primeira e única vez, referência explícita a Simões Lopes Neto, à sua obra *Salamanca do Jarau* e também a Blau Nunes (personagem dos *Contos gauchescos*, no qual Erico se inspira para criar o velho Fandango). Simões Lopes Neto é o único autor gaúcho, cuja obra e influência é perceptível em diversas passagens de *O tempo e o vento* e, de forma mais acentuada, nos capítulos *A fonte* e *Teiniaguá*.

Em suma, salvo algum equívoco, são essas as referências à literatura gaúcha, que se encontram em *O tempo e o vento* – as quais nos levam a tecer os seguintes comentários:

1) *O tempo e o vento*, além de situar o leitor a respeito do que acontecia no mundo em termos de história, informa-o também sobre o que acontecia nas ciências, na filosofia, na literatura, artes plásticas, na música, na ópera, no folclore, no cinema, no teatro... No caso deste último, apesar de o drama ser o gênero literário mais explorado pelos autores sul-rio-grandenses do século XIX, estranhamente nenhuma peça teatral de autor gaúcho é citada na obra. Aliás, o próprio teatro gaúcho não mereceu qualquer referência (e não por falta de oportunidade. Veja-se, por exemplo, *O Retrato*, Tomo I, p. 81: “[Rodrigo] Pensou com saudade nas noitadas de opereta do Teatro S. Pedro. Ah! *La Primavera Scapigliata*... *Os Sinos de Corneville*... *A Viúva Alegre*...”);

2) Os gaúchos de *O tempo e o vento* defendem tudo que seja originário do Rio Grande, menos sua literatura, que não é lida pelas personagens (a exceção é Sílvia, leitora de poetas modernos, entre eles Quintana) sequer a título de curiosidade – até mesmo a professora Revocata (nome sugestivo, que remete a uma das três mulheres integrantes do Partenon Literário: a professora e dramaturga Revocata Heloísa de Mello), moradora da pequena vila de Santa Fé, prefere ler Voltaire e Diderot (*O Arquipélago*, Tomo II, p. 354);

3) Os primeiros poetas surgem, entre nós, no chamado “ciclo farroupilha”. Tais poetas dividiam-se em dois grupos: o “Monarquista” (integrado por três mulheres – entre elas, Delfina Benigna da Cunha, autora do primeiro livro de poesias impresso no RS –, mais Pedro Canga – este na poesia popular) e o “Farroupilha” (integrado exclusivamente por homens e cujo nome principal era o de Chiquinho da Vovó, autor da letra do Hino Rio-grandense). Erico poderia, talvez, ter feito alguma referência a esses grupos, ao tratar da Revolução Farroupilha. Aliás, os poetas e a poesia gaúcha do século XIX

estão representados por Lobo da Costa e por *Aquele Ranchinbo* (poesia publicada em *Auras do Sul* [1888] e também conhecida como *Ranchinbo de Palha*);

4) O Dr. Carl Winter se corresponde com Carlos von Koseritz, que foi uma figura importante nas letras sulinas do século XIX, tendo integrado inclusive o Partenon Literário (escreveu, entre outras obras, *Bosquejos etnológicos*, *Roma perante o século*, *Resumo de economia nacional*, *Resumo de História Universal*). Em *Através da Imprensa* (1900), Alcides Maya reivindica para Koseritz o título de precursor do evolucionismo no Brasil. Esse mesmo Koseritz – que, na opinião do Pe. Atilio Romano, não passaria de um “herege de má morte” – poderia, talvez, ter dado ao Dr. Winter alguma notícia acerca do Partenon Literário e dos esforços que então se empreendiam com vistas ao desenvolvimento de uma literatura gaúcha, numa de suas tantas cartas (só n’*O Retrato* pode-se encontrar a transcrição de trechos de dez delas). Seria algo inverossímil? Pois vejamos a seguinte seqüência:

a) Em *O Continente* – Tomo II, p.41, ocorre o seguinte diálogo entre Koseritz e o Dr. Winter (que se encontram – e se conhecem – num hospital, em Rio Grande):

- E agora? – perguntou Winter. – Que vai fazer depois que der alta do hospital?
- Ficar nesta província.
- E plantar batatas como nossos compatriotas de São Leopoldo?
- Não. Abrir uma escola e ensinar; fundar um jornal e escrever.
- Mas como, se nesta terra se fala o português?
- Dentro de pouco tempo estarei habilitado a escrever nessa língua tão bem como na minha.

b) Em *O Continente* – Tomo II, p. 42, aparece a transcrição de partes de duas cartas enviadas ao Dr. Winter por Koseritz.

c) Em *O Continente* – Tomo II, p. 90, volta a se falar dos planos de Von Koseritz, de abrir uma escola e fundar um jornal:

Mais um inverno! – pensou Winter. E de novo perguntou a si mesmo por que não se ia embora. Von Koseritz continuava a insistir para que ele voltasse ao litoral e se instalasse em Pelotas. Seu ilustre barão tinha planos grandiosos: ia fundar um jornal e uma escola, meter-se na política, naturalizar-se brasileiro e provavelmente casar-se com uma moça natural da Província.

d) Em *O Continente* – Tomo II, p. 146, a escola e o jornal são novamente assunto, agora numa carta do Dr. Winter a Von Koseritz: “Espero que o meu caro barão tenha realizado os seus sonhos, que seu jornal seja um sucesso e a escola outro. Quanto a mim, sou um fracassado (...)”.

e) Em *O Continente* – Tomo II, p. 185, tem-se a informação de que Von Koseritz agora é uma figura pública:

Desabafa em suas cartas a Von Koseritz. Seu *lieber Baron* agora era uma figura pública importante, escrevia belos artigos em português, fazia jornalismo, metia-se em política e interessava-se pelas colônias alemãs – das quais era uma espécie de maioral (...).

f) Além disso, freqüentemente, o Dr. Winter faz alusão a notícias recebidas, via carta, de Von Koseritz – o qual, inclusive, lhe manda jornais da Alemanha (*O Continente* – Tomo II, p. 225).

5) Segundo Erico Veríssimo, Alcides Maya “pontificava” no mundo das letras de Porto Alegre. Trata-se, na verdade, de um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da crítica literária no RS, cujo mérito, na opinião de Erico, ou melhor, do Dr. Rodrigo Cambará, foi haver lançado entre seus “discípulos e admiradores” o nome e “a obra insuportavelmente indigesta” de Spencer;

6) Na primeira cena em que Mário Quintana é citado, ocorre a leitura de um poema de Drummond. Por que Erico não terá adotado o procedimento contrário (ou seja, citar Drummond e transcrever um poema de Mário Quintana)? É verdade que Quintana, então, era ainda um jovem poeta, mas... será que ele ainda não havia produzido nenhum poema de valor? E mais: será que Erico não desconfiava do grande talento que hibernava na alma daquele seu amigo do Alegrete?

7) Relativamente à segunda cena em que o nome de Quintana é citado, poderia-se dizer que soa um tanto estranho o Dr. Rodrigo – um homem à frente de seu tempo, sempre o primeiro a manter contato com o novo, seja em termos de tecnologia ou de literatura – reconhecer-se como um *conservador*, um *antiquado*, para justificar o fato de não gostar da poesia de Quintana.

8) Na página 223, de *O Retrato*, consta:

Sobre uma mesinha tosca de pinho, erguiam-se numa pilha os livros que Rodrigo trouxera de sua biblioteca e nos quais marcara os

trechos que deviam ser transcritos n' *A Farpa* – “Pra encher lingüiça, sabes, Pepe?” – Eram: uma das canções sem metro de Raul Pompéia; um poema de Guerra Junqueiro sobre a História; uma pequena fábula de Coelho Neto e versículos de “*Assim falava Zarathustra*”.

Erico poderia, quem sabe, ter aproveitado o espaço para a transcrição de textos de autores gaúchos. A impressão que se tem, pelo modo como ele evita fazer referências a autores e obras sul-riograndenses, é que o autor de *O tempo e o vento* talvez considerasse a literatura gaúcha indigna até mesmo para “encher lingüiça” (é claro que, se ele a utilizasse com tal finalidade, ele não poderia dizê-lo, para não ferir suscetibilidades).

A verdade é que não faltaram oportunidades para se falar da literatura gaúcha em *O tempo e o vento*. Vejamos mais algumas passagens que poderiam ter sido aproveitadas para esse fim: na página 79, de *O Continente* (Tomo II), debate-se, entre outros assuntos, a vida mental do gaúcho e a situação da instrução pública na Província sulina e em *O Retrato* (Tomo I, p. 95), o autor nos fala de alguns dos livros existentes na biblioteca da “água-furtada”:

Ali estavam *O Último dos Moicanos*, *A Morgadinha dos Canaviais*, *Carlos Magno* e os *Doze Pares de França*, a coleção quase completa de Júlio Verne, e muitos dos romances de Alencar, Escrich, Gaboriau, Sue, Ohnet e Richebourg. Rodrigo apanhou com particular carinho uma brochura desmantelada: o *Rocamboles*.

Na seqüência, fala da *Moreninha*, de Macedo; de *Naná*, de Zola; de *A mulher, o marido e o amante*, de Paul de Kock... Nas páginas 207 e 208 de *O Retrato* (Tomo I), o autor descreve a abertura dos caixões, repletos de livros e discos, trazidos pelo Dr. Rodrigo da Capital:

Pôs-se a tirar os livros do caixão. Pegava-os com um cuidado carinhoso, como se fossem jóias delicadas e raras ou crianças recém-nascidas. Ali estavam as obras completas de Balzac, em edições de 1860. (...) Apanhou uma edição da *Divina Comédia* com ilustrações de Doré. (...) Rodrigo pôs Dante no soalho ao lado de Balzac e continuou a esvaziar o caixão, de onde tirou as obras completas de Victor Hugo, três romances de d'Annunzio em italiano, uma tradução espanhola da obra de Carlyle sobre a Revolução Francesa...

– Ah! O meu inefável narigudo! – exclamou, ao manusear um exemplar da edição *princeps* de *Cyrano de Bergerac*. Leu um trecho ao acaso, esmerando-se na pronúncia.

(...) Tirou do caixão a *Histoire des Girondins*, de Lamartine, *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, alguns volumes de Nietzsche e Taine, *Le Rouge et le Noir* de Stendhal, o *Paraíso Perdido*, de Milton – ai, que grande cacete! – três romances de Eça de Queirós, a coleção completa de *As Farpas*...

Não deixa de citar Schopenhauer, Goethe e seu *Fausto*, Heine...

mais

os romances galantes de *boulevard*, histórias fesceninas do *Quartier Latin*... Lá estavam as novelas de Willy: *La môme Picrate*, *Maîtresse d'Esthètes*, *Un Petit Vieux Bien Propre*, a *Éducation de Prince*, de Maurice Donnay e *Leur Beau Physique*, de Henri Lavedan.

Paremos por aí. É possível que o inicialmente citado, Alcides Maya, não tivesse tantos motivos para se exaltar na defesa da literatura gaúcha; é provável que estejam errados todos aqueles que entendem que o autor de *O tempo e o vento* deveria ter-se posicionado ideologicamente em tal trilogia. Afinal, esse escritor não só não tinha que achar boa nossa literatura, como não era obrigado a divulgá-la ou até mesmo a se pronunciar sobre ela. Em todo caso, parece-nos que, no referido romance, o descompasso entre as recorrentes citações de outros autores e obras — estrangeiros ou nacionais — e o quase silêncio sobre a produção literária sul-riograndense, evidenciam que essa não estava na alta conta do seu autor.

Referências

MAYA, Alcides. O Rio Grande Mental Porto Alegre, *Através da imprensa*, p. 93-196, 1900.

VERISSIMO, Erico. *O continente*. 13. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. 2 v.

_____. *O retrato*. 8ª. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. 2 v.

_____. *O arquipélago*. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1979. 3 v.